



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO, MEDIAÇÃO CULTURAL E TEORIA CRÍTICA

INFORMATION MEDIATION, CULTURAL MEDIATION AND CRITICAL THEORY

Natali Santos de Santana – Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Ana Claudia Medeiros de Sousa – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo evidenciar as possíveis interlocuções entre a Mediação da Informação, a Mediação Cultural e a Teoria Crítica. A metodologia utilizada orienta a pesquisa a partir da revisão sistemática de literatura, constituindo-se pelo método bibliográfico com abordagem qualitativa e nível descritivo. Para a exploração e interpretação dos dados, aplicou-se a técnica de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. Este estudo projeta-se como um esforço reflexivo, com intenção de abrir espaço para o desenvolvimento de investigações que relacionem o campo da Ciência da Informação à Teoria Crítica, sobretudo nas concepções teóricas e práticas advindas da Mediação da Informação e da Mediação Cultural. Entende-se que estas sustentam a análise sobre a ressignificação da atuação de agentes mediadores e das ações realizadas conscientemente nos dispositivos informacionais e culturais, visando o alcance de condutas protagonistas dos sujeitos, se aproximando dos pressupostos da Teoria Crítica, que fomenta o pensar científico alinhado aos princípios de orientação para a emancipação e ao protagonismo cultural. Conclui-se que, tanto a Teoria Crítica quanto as ações mediadoras, subsidiam condutas interventoras diante da realidade.

Palavras-chave: mediação da informação; mediação cultural; teoria crítica.

Abstract: This research aims to highlight the possible dialogues between Information Mediation, Cultural Mediation and Critical Theory. The methodology used guides the research based on a systematic literature review, consisting of the bibliographic method with a qualitative approach and descriptive level. To explore and interpret the data, Laurence Bardin's Content Analysis technique was applied. This study is designed as a reflective effort, with the intention of opening space for the development of investigations that relate the field of Information Science to Critical Theory, especially in the theoretical and practical concepts arising from Information Mediation and Cultural Mediation. It is understood that these support the analysis of the redefinition of the role of mediating agents and the actions carried out consciously in informational and cultural devices, aiming to achieve protagonist behaviors of the subjects, approaching the assumptions of Critical Theory, which encourages aligned

scientific thinking to the guiding principles for emancipation and cultural protagonism. It is concluded that both Critical Theory and mediating actions support interventionist behaviors in the face of reality.

Keywords: information mediation; cultural mediation; critical theory.

1 INTRODUÇÃO

As teorias socioculturais têm atravessado os estudos da Ciência da Informação, principalmente a partir do paradigma social. Amplia-se na área a interpretação de que os fenômenos informacionais são indissociáveis das manifestações culturais, incorporando-se a noção de cultura como potencial norteadora para a compreensão das dinâmicas informacionais. Essas perspectivas versam sobre os ambientes informacionais enquanto espaços propícios para fomentar o desenvolvimento e/ou fortalecimento do pensamento crítico da comunidade usuária. A Mediação da Informação e a Mediação Cultural emergem como possibilidades nos domínios da teoria e prática, ambas sustentam a reflexão acerca da ressignificação da atuação de agentes mediadores e das ações realizadas nos dispositivos informacionais e culturais.

Esta pesquisa tem como objetivo evidenciar as interlocuções entre a Mediação da Informação, a Mediação Cultural e a *Teoria Crítica*. Sob a ótica da abordagem crítica, explora o alcance das perspectivas socioculturais na área da Ciência da Informação. Para tanto, o estudo parte do método bibliográfico e revisão sistemática de literatura, com abordagem qualitativa, nível descritivo e aplicação da técnica de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016) para exploração e interpretação dos dados.

Com o intuito de expandir o entendimento sobre a temática e justificar a realização desta pesquisa, buscou-se identificar trabalhos anteriores que tratam do entrelaçamento dos conceitos, foram realizadas consultas na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) utilizando operadores booleanos. O levantamento dos dados foi feito com a combinação dos termos “mediação cultural” e “teoria crítica”; “mediação da informação” e “teoria crítica”. A busca abarcou o período de 1960 a 2024 para as duas pesquisas, representando a delimitação temporal máxima disponível na base de dados. A coleta ocorreu em junho de 2024 e resultou na recuperação de um total de seis artigos científicos para a primeira combinação de descritores e um único artigo para a segunda busca.

A análise dos trabalhos demonstrou que eles não tratavam das aproximações entre a Mediação da Informação, a Mediação Cultural e a *Teoria Crítica*, mas sim de estudos voltados para outras problemáticas. Com exceção do segundo levantamento, que constatou a existência de um único trabalho correlacionando a Ciência da Informação à teoria crítica desenvolvida pelo filósofo Axel Honneth, especialmente em relação aos seus estudos sobre o reconhecimento social. Inclusive, artigo este que, juntamente com outros trabalhos, inspira a elaboração da presente análise.

Esse fato evidencia a relevância desta pesquisa como um esforço teórico com possíveis contribuições para o âmbito da Ciência da Informação, pois procura refletir sobre aspectos fundamentais da área e das atribuições dos profissionais ligados ao campo em conexão com o desenvolvimento de perspectivas que visualizem os dispositivos informacionais e culturais sob uma leitura da abordagem crítica.

Esta pesquisa examina a Mediação da Informação e a Mediação Cultural, pautando-se nos autores Teixeira Coelho (1997, 2001), Ivete Pieruccini (2007), Almeida Júnior (2015), Celly de Brito Lima e Edmir Perrotti (2016), Henriette Ferreira Gomes (2014, 2016, 2019, 2020). Já a análise acerca da *Teoria Crítica* fundamenta-se através das contribuições de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno (1985), Max Horkheimer (1980), Theodor W. Adorno (1995), Olgária Matos (1993), Marcos Nobre (2004a, 2004b). Para estabelecer as interlocuções entre as temáticas, são considerados os estudos de Arthur Coelho Bezerra e Luciane de Fátima Beckman Cavalcante (2020), Jetur Lima de Castro e Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (2022).

2 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A MEDIAÇÃO CULTURAL

Para discutir sobre a Mediação da Informação e a Mediação Cultural, é necessário primeiramente abordar um conceito integrado a estas noções, que é a mediação. De acordo com Jean Davallon (2007), na literatura científica são consideradas duas interpretações principais quando tratamos da mediação, são elas: a abordagem operatória e a definição teórica, a primeira compreende a ação de intermediar ou possibilitar o acesso à informação e aos bens culturais, enquanto a segunda apresenta os fundamentos epistemológicos subjacentes à mediação.

A mediação possui diferentes perspectivas e é tratada por diversas áreas de conhecimento, como a Ciência da Informação, a Comunicação e a Filosofia. No uso mais comum concedido ao termo, ela foi interpretada como um processo relacionado a conciliação ou reconciliação entre as partes envolvidas em um conflito, bem como tem o sentido de referir-se a um ‘terceiro elemento’ que atua como intermediário em uma ação a fim de favorecer e facilitar a comunicação. Nesse contexto, mediar significa a *ação de interferência* de um terceiro componente no processo de *apropriação da informação* e na constituição de sentido sobre o real, atribuição esta que oportuniza transformações nas partes envolvidas nas interações.

Para Almeida (2008), a noção de mediação está intimamente associada às “teorias da ação”, que para o autor situam-se na esfera pública entre as ações sociais e as motivações individuais e coletivas. Almeida (2008), ao dialogar acerca das análises de Davallon (2007), afirma que se difundiu no campo informacional a ideia do bibliotecário, arquivista, museólogo como responsável por cumprir a função de mediador.

Ainda conforme o autor, as concepções mais tradicionais de mediação conferem à noção o sentido de atendimento ao usuário, o que Almeida Júnior (2015) nomeou como *mediação explícita*, mas também podem associá-la a um agente cultural com cargo em determinada instância, como bibliotecas, museus, centros culturais, arquivos. Além disso, a mediação incluía a construção de produtos para apresentar a uma comunidade um universo de informações e experiências, seja na arte, educação ou outros campos.

No domínio da Ciência da Informação, a Mediação Cultural tem sido estudada em relação à Mediação da Informação. Esta última refere-se a uma perspectiva conceitual desenvolvida por Almeida Júnior (2015) e incorporada às dimensões teóricas propostas por Henriette Ferreira Gomes (2014, 2020). A Mediação da Informação emerge da própria atuação bibliotecária e da atribuição dos profissionais ligados ao campo informacional no que tange a responsabilidade de mediar as necessidades informacionais, propiciando a *apropriação da informação*. Conforme Ivete Pieruccini (2007), o processo de apropriação não é o mesmo que assimilação, uma vez que o primeiro compreende múltiplas habilidades a fim de suscitar a construção de sentido e a leitura de mundo, enquanto o segundo concerne a aquisição e acumulação de informações.

Almeida Júnior (2015) ao ampliar e reformular o conceito de Mediação da Informação, explica que esta consiste em:

[...] toda *ação de interferência* – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a *apropriação de informação* que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (Almeida Júnior, 2015, p. 25, grifo nosso).

Dois conceitos centrais são destacados da citação acima, a ideia de *ação de interferência* e de *apropriação da informação*. A ação de interferência em um dado da realidade no contexto mencionado por Almeida Júnior (2015), significa intervir em processos dialógicos visando a apropriação da informação e a satisfação de necessidades informacionais. Nesse sentido, ações mediadoras de interferência com intencionalidade para o protagonismo cultural e para a emancipação, conduzem para experiências de reconfiguração da compreensão de mundo e dos próprios sujeitos pertencentes a essas ações.

É importante ressaltar que a interferência é entendida como incentivo à participação e não como meio de controle, este último interpretado como modo de regulação que pode gerar a manipulação. A *ação de interferência* visa a interação através de estímulos a fim de transformar um estado em outro, buscando gerar mudanças em condições e/ou circunstâncias. Como expõe Almeida Júnior (2015), ela movimenta os indivíduos para o conflito e novas necessidades informacionais, por isso carrega em si mesma um efeito desestabilizador e dinâmico. Em outras palavras, o conflito impede a estabilidade da necessidade informacional, pois é inerente a condição humana buscar, compreender, explorar, descobrir e aprender sobre os fenômenos que nos cercam, assim, somos impelidos à novas buscas. Visto que, como defende Freire (1981), existem diferenças substanciais entre o animal e o ser humano, sobretudo em relação as suas posições frente ao mundo, ao contrário dos animais, os sujeitos possuem a capacidade de assumir uma postura no mundo enquanto *presença*, isto é, enquanto ser histórico, capaz de projetar o futuro, fincar raízes no passado e ainda experienciar o presente.

Almeida Júnior (2015) acrescenta que a *ação de interferência* é realizada pelo profissional da informação de forma direta ou indireta, consciente ou inconsciente, singular ou plural, individual ou coletiva. Sobre esse aspecto, ressalta-se a importância das ações mediadoras e da atuação dos agentes mediadores em correspondência com a realização consciente, isto é, reflexão, ação e atuação devem estar ancoradas nos princípios dispostos

por Gomes (2014, 2020) quanto as dimensões *dialógica, estética, formativa, ética e política* da Mediação da Informação.

Ao explicar sobre a Mediação da Informação e suas dimensões, Gomes (2014) defende que a informação consiste em uma entidade social, criada, compartilhada, materializada, documentada. Desse modo, trata-se de uma manifestação resultante da linguagem e da interação social. Para a autora (Gomes, 2014), a transmissão é uma consequência do ato comunicativo e na tentativa de autopreservação no tempo e espaço, os indivíduos compartilham experiências, saberes, conhecimentos. A comunicação envolve a troca, sendo um processo menos duradouro que a transmissão, ela abrange os dispositivos mediadores responsáveis por estabelecer materialidade para a informação. Gomes (2014) argumenta em favor do caráter público e social da informação, fenômeno este que surge em contextos culturais e históricos, revelando-se através das relações sociais.

A mediação é concebida como ponto de convergência entre a informação e a comunicação. A ação mediadora representa uma atividade intermediária entre aquele que possui uma necessidade informacional e a informação pertinente a preencher uma lacuna. O mediador fundamenta-se na *dialogia*, baseando-se em trocas objetivas e subjetivas (Gomes, 2014). Agregada a dialogia, a *dimensão estética* explora as percepções de emoções, sentimentos, pensamentos e os processos de criação e criatividade significativos para a compreensão acerca do mundo. A *dimensão formativa* se estabelece a partir da interação e pode alcançar o desenvolvimento do protagonismo social dos agentes envolvidos na ação, inclusive, da consciência do próprio mediador enquanto responsável social. Está diretamente ligada à *dimensão ética e política* na medida em que corrobora para que os sujeitos se tornem ativos e participativos na sociedade, contribuindo para a transformação da realidade (Gomes, 2014). Desse raciocínio, é possível depreender os elementos informacionais enquanto atributos da esfera cultural. Ao agente mediador, cabe evidenciar os traços socioculturais e o repertório simbólico composto pelas narrativas identitárias e memorialísticas, que moldam o ambiente social e a percepção dos indivíduos.

Para Lima e Perrotti (2016), a Mediação Cultural vislumbra oportunizar a igualdade de condições entre os sujeitos a fim de que estes se insiram enquanto protagonistas no universo cultural, possibilitando processos de apropriação, ressignificação e reconfiguração dos bens culturais e artísticos. Já conforme Teixeira Coelho (1997, 2001), a Mediação Cultural consiste em uma ação que facilita os processos de interação, apreensão e apropriação cultural. Os

modos podem variar de acordo com os diferentes níveis, a exemplo da *ação cultural*, a *animação cultural* e a *fabricação cultural*.

Ao expandir o conceito, Perrotti e Pieruccini (2014), distinguem a Mediação Cultural como uma categoria funcional ou instrumental e como uma categoria situacional. As primeiras se relacionam a interação entre o público e o universo cultural, enquanto a terceira está conectada à construção de sentido por parte dos sujeitos. Com base no paradigma social, Lima e Perrotti (2016), afirmam que a informação é um elemento intrinsecamente cultural. Nesse sentido, as noções de Mediação da Informação e Mediação Cultural são indissociáveis.

3 A TEORIA CRÍTICA

A Teoria Crítica surgiu no início do século XX e procura interpretar a realidade visando a emancipação humana, envolve a reflexão de aspectos estruturais que permeiam a sociedade. Segundo o filósofo Marcos Nobre (2004a, 2004b), adotar a categoria de crítica significa questionar a separação rígida colocada entre a teoria e a prática. Ainda de acordo com o referido autor, a abordagem crítica abrange o conjunto de autores ligados a *Escola de Frankfurt* e ao *Instituto para Pesquisa Social* da década de 1920, além de delimitar uma perspectiva filosófica que permanece vigente até os dias atuais. Nobre (2004a, 2004b) destaca que, embora essa perspectiva seja frequentemente denominada como uma “Escola”, os seus representantes divergem em múltiplos fatores, resultando em diferentes interpretações e prognósticos, ainda que compartilhem um reconhecido esforço em propor uma releitura da teoria marxista.

A *Teoria Crítica* nasce em oposição a *Teoria Tradicional*, esta última ligada às ciências exatas e naturais, buscava examinar a realidade de modo objetivo, descritivo, enfatizando a neutralidade científica, preconizando o desinteresse da ciência pela subjetividade, dando ênfase para as operações lógicas e a formulação de leis gerais que pudessem decodificar os fenômenos no mundo natural. Um de seus nomes mais importantes é o filósofo e matemático René Descartes, ele compreendeu as leis naturais e o próprio universo enquanto sistemas e organismos complexos que funcionam conforme leis físicas e mecânicas. Para a Teoria Crítica, os princípios de neutralidade e objetividade científica afastariam o cientista tradicional de contextos históricos, sociais e políticos, pois esses fatos extrapolariam a análise do fenômeno em si mesmo.

Nesse sentido, o teórico crítico, ao contrário do tradicional, deve manter um elemento de intencionalidade tanto na sua reflexão quanto na sua ação, que concerne à concepção de emancipação. Para o segundo, esse elemento pode ser secundário, mas para o primeiro se constitui como algo substancial. Conforme Horkheimer (1980), o teórico crítico evita perceber os fatos como mero dado, pois eles – os fatos - são componentes históricos construídos que carregam possibilidade de reconfiguração. Desse modo, a Teoria Crítica coloca-se em contraposição à Teoria Tradicional quanto a postura frente ao objeto a ser investigado.

De acordo com a filósofa e pesquisadora Olgária Matos (1993), a fundamentação para os estudos frankfurtianos encontram-se em Immanuel Kant, Friedrich Hegel, Karl Marx. O campo teórico recebe influências do marxismo, mas incorporou também elementos das correntes de pensamento da fenomenologia, sociologia, economia, ciência política e até mesmo da psicanálise. Os frankfurtianos desenvolvem uma extensa análise sobre o período iluminista, emergente no século XVII. Apresentam também análises sobre os conceitos de *cultura de massas* e a *indústria cultural*, concepções estas concebidas por Adorno e Horkheimer (1985) na obra *Dialética do esclarecimento*. As noções referem-se ao processo de fabricação e distribuição da produção artística e intelectual no capitalismo, bem como demonstram como os meios de comunicação são utilizados como instrumentos para a dominação e como forma de manutenção da conformidade social.

Segundo Nobre (2004a), é possível identificar a formulação de modelos distintos no próprio campo da Teoria Crítica. O autor refere-se principalmente a dois modelos: um relativo à *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer, e outro associado à *ação comunicativa* e à *razão dialógica* proposta por Jürgen Habermas. Em termos gerais, é comum mencionar os nomes de Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Hebert Marcuse, Walter Benjamin, Erich Fromm, Jürgen Habermas como os principais membros representantes dessa abordagem.

Analisar as estruturas constitutivas da realidade social a partir da perspectiva crítica significa investigar os fenômenos não como meras descrições, mas olhá-los sob o ponto de vista potencial da emancipação da sociedade (Nobre, 2004a), pois a orientação por essa abordagem, representa o reposicionamento contínuo para um comportamento crítico que desnaturaliza a separação rígida entre o conhecimento e a ação ou entre o conhecer e o agir, assim como recoloca os elementos históricos como categoria fundamental para o exame das dinâmicas sociais.

4 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO, A MEDIAÇÃO CULTURAL E A *TEORIA CRÍTICA*

Este estudo projeta-se como um esforço reflexivo, com intenção de abrir espaço para o desenvolvimento de análises que relacionem o campo da Ciência da Informação à Teoria Crítica, fomentando o diálogo com a Mediação da Informação e a Mediação Cultural. Partindo dos pressupostos da Teoria Crítica, reafirma a necessidade do pensar científico alinhado aos princípios de orientação para a emancipação.

Nobre (2004a), ao referir-se a Horkheimer, explica a postura do teórico tradicional em adaptar o pensamento à realidade como um modo insuficiente para alcançar uma compreensão mais profunda acerca dos fenômenos sociais, isto porque “[...] resigna-se à forma histórica presente da dominação. Em uma sociedade dividida em classes, a concepção tradicional acaba por justificar essa divisão como necessária.” (Nobre, 2004a, p. 38).

Em outras palavras, o fazer científico a partir da interpretação da teoria tradicional, ao definir como as coisas são, as justifica naturalizando o que em verdade se estabelece historicamente, e é portanto, constructo social. Assim, suprime as potencialidades emancipatórias da realidade, eliminando a abertura para aquilo que elas poderiam ser.

A perspectiva crítica estabelece interlocuções com os pressupostos das ações mediadoras, admitindo o olhar para a informação enquanto componente histórico construído culturalmente. Conforme argumenta Gomes (2019), a mediação através da leitura do paradigma social, enfatiza os contextos culturais, históricos e sociais, ao mesmo tempo em que reitera o protagonismo social como elemento substancial de responsabilidade no domínio da informação. Nesse sentido, tanto a Teoria Crítica quanto as ações mediadoras, assumem condutas interventoras diante da realidade.

A concepção proposta por Gomes (2019) sobre o *protagonismo social*, as noções de *ação de interferência* e de *apropriação da informação* discutidas por Almeida Júnior (2015), encontram repercussão no conceito de emancipação posto pela Teoria Crítica. Além disso, a mediação consciente firma a sua efetividade quando resulta em favor do interesse social.

Como afirma Gomes (2019, p. 16), “A apropriação da informação é sustentáculo do processo de conscientização, de domínio do conhecimento e de exercício da crítica, elementos essenciais à constituição do sujeito protagonista.”. Isto porque o protagonismo está vinculado à ideia de que os sujeitos devem adotar uma postura autônoma no mundo, emancipando-se de forças opressoras ou estruturas que limitem a liberdade. A mediação consciente, enquanto

uma ação de interferência que orienta ao protagonismo, incorpora em sua constituição elementos como a crítica, o questionamento, a construção do diálogo e a abertura de espaço para a participação ativa dos envolvidos nas ações mediadoras.

Borges e Almeida Júnior (2022) explicam que Gomes aprofunda a discussão sobre a relação entre a mediação consciente, a apropriação da informação e o protagonismo social. Segundo Gomes (2019), o mediador da informação é também um agente político, o que implica assumir uma posição humanizadora, ética e de engajamento, visando fortalecer a capacidade de expressão e criação dos indivíduos, assim como a conscientização sobre a realidade social em que estão inseridos. Este estudo alinha-se com a argumentação de Gomes (2019), ressaltando o mediador da informação enquanto agente político, e acrescenta também ao mediador cultural essa dimensão política que corresponde a uma força motivadora de transformações significativas.

Teixeira Coelho (1997) conceituou a Mediação Cultural diferenciando seus níveis e modos, ao tratar da ação sociocultural, menciona a interpretação cujo objetivo principal é a eliminação da incomunicabilidade cultural associada à obra em relação ao público. Contudo, chama atenção para o fato de que essa incomunicabilidade é uma qualidade da gênese da obra cultural ou artística. Para o autor, seria necessário mesmo obstruir a incomunicabilidade de ordem social, econômica, política. Nas palavras de Teixeira Coelho (1997, p. 33): “Esta ação, assim entendida, também chamada de sociocultural, tende a colocar uma pessoa, um grupo, ou uma comunidade, em condições de exprimir-se em todos os aspectos da vida social.”. Nesta citação, o autor examina o papel da ação cultural como um modo de mediação com caráter dialético, mobilizada politicamente para a libertação.

Nesse sentido, a adoção de uma atuação crítica acerca do conhecimento, dos bens culturais e artísticos produzidos a partir da estrutura dominante, assim como refletir sobre as formas de como viabilizar caminhos para que os sujeitos se apropriem da informação, das expressões culturais e artísticas, tornando-se emancipados e protagonistas, deve ser a finalidade primeira das práticas mediadoras. A ação de interferência, como proposta por Almeida Júnior (2015), apoia-se em processos que possibilitam a construção de condições intelectuais, culturais e sociais para a construção de narrativas, significação, atribuição e produção de sentidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, sem a pretensão de exaurir as possibilidades de leitura e análise, representa um horizonte de interpretação entre tantos modos de aproximar os fenômenos investigados. A tarefa de meditar sobre o tema configura-se como desafiadora, dada a profundidade conceitual das noções trabalhadas. Nesse sentido, torna-se essencial dar continuidade as reflexões aqui iniciadas, bem como desenvolver o aprofundamento dos conceitos e suas interlocuções.

Este estudo centra-se na importância da mediação consciente, da apropriação da informação e do protagonismo social como atributos essenciais para conduzir a orientação para emancipação da sociedade e dos sujeitos. Destaca-se a responsabilidade do mediador da informação e cultural enquanto agentes políticos, sublinhando a necessidade de uma postura crítica em relação à construção do conhecimento produzido pela estrutura dominante, organizada socialmente a partir do capitalismo.

A partir dos resultados desta pesquisa, reitera-se que a perspectiva crítica corrobora para a promoção das ações mediadoras orientadas para a emancipação, assegurando não apenas o acesso à cultura, à informação, e aos bens artísticos, intelectuais e simbólicos, mas também a apropriação do conhecimento de forma crítica e consciente, abordagem que incentiva a capacidade de expressão e criação dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Trad. Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

ALMEIDA, M. A. Mediação cultural e da informação: considerações socioculturais e políticas em torno do conceito. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: PPGCI-UFBA, 2007. p. 1-16.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

ALMEIDA, M. A. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [Brasília], v. 1, n. 1, p. 01-24, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEZERRA, A. C.; CAVALCANTE, L. F. B. Mediação cultural da informação para o reencantamento do mundo. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 25, p. 01-19, 2020.

BORGES, E. V. E.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Apropriação: um pilar central da Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. e-119843, 2022.

CASTRO, J. L.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação, teoria crítica e conflitualidade: A dimensão intersubjetiva do reconhecimento como ação coletiva emancipatória. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 18, p. 01-25, 2022.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COELHO, T. **O que é ação cultural?**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo?. **Prisma.com**, Porto, n. 4, p. 4-37, 2007.

FREIRE, P. Ação cultural para libertação. *In*: FREIRE, P. **Ação cultural para liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 35-53.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, 2014.

GOMES, H. F. Comunicação e informação: relações dúbias, complexas e intrínsecas. *In*: MORIGI, V.; JACKS, N.; GOLIN, C. **Epistemologias, comunicação e informação**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 91-107.

GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Informação**, Londrina, v. 30, n. 4, p. 1-23, 2020.

GOMES, H. F. Protagonismo social e mediação da informação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21 2019.

HORKHEIMER, M. Teoria tradicional e teoria crítica. *In*: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 117-161.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

LIMA, C. B.; PERROTTI, E. Bibliotecário: um mediador cultural para a apropriação cultural. **Informação e Profissão**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 161-180, 2016.

MATOS, O. C. F. O eclipse da razão. *In*: MATOS, O. C. F. **A escola de Frankfurt**: luzes e sombras do iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993. p. 40-45.

NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004a.

NOBRE, Marcos. Crítica e Emancipação: em busca dos princípios fundamentais da Teoria Crítica. **Espacios em Blanco**, [S. l.], n. 14, p. 45-78, 2004b.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 01-22, 2014.

PIERUCCINI, I. Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: PPGCI-UFBA, 2007. p. 1-15.